

O processo de securitização em meio à guerra russo-ucraniana: Uma análise sobre o pronunciamento de Putin à nação anterior à invasão

Marco Túlio Gomes Lara *

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas

*Autor correspondente. E-mail: tuliolarabh@hotmail.com

Resumo

Este artigo visa averiguar se o Presidente russo Vladimir Putin articulou com sucesso um processo de securitização ao justificar a invasão à Ucrânia em 24 de fevereiro de 2022 com a aproximação entre Ucrânia e OTAN. Para isso, pretende-se executar uma análise de conteúdo do pronunciamento de Putin à nação que antecedeu a invasão fazendo a contabilização de palavras que remetem à categoria ameaça ocidental. Posteriormente, será visto quem são as audiências com as quais Putin interagiu para construir uma ameaça e se houve um processo de securitização completo.

Palavras-chaves: Rússia; Ucrânia; guerra; securitização; ameaça ocidental.

1. Introdução

Em 24 de fevereiro de 2022, o Presidente russo Vladimir Putin ordenou a invasão da Ucrânia por terra, mar e ar. Mesmo embora guerras tenham acontecido no continente europeu após a Segunda Guerra Mundial, a invasão da Ucrânia tem provocado uma mudança na relação entre Moscou e o Norte Global, recolocando a agenda securitária em prevalência.

No marco de dois anos desde a invasão, estima-se que cerca de 10 mil civis tenham morrido e quase 20 mil outros tenham sido feridos ([UNITED NATIONS 2024](#)). Entre algumas das outras consequências, se destacam a ameaça à segurança alimentar que vem afetando as pessoas mais economicamente vulneráveis, aumentos no preço do petróleo, a corrida de países receosos de se tornarem o próximo alvo russo para buscarem proteção, como Suécia e Finlândia, as sanções implementadas pelo Norte Global contra a Rússia, tensões internas entre o exército russo e a empresa militar privada Grupo Wagner e o transbordamento do conflito para regiões russas de fronteira com a Ucrânia.

Em meio às hostilidades e seus desdobramentos para a região e para o mundo, é relevante tentar entender os motivos que levaram Vladimir Putin a ordenar a invasão do território ucraniano. Utilizando-se da teoria de securitização, este artigo procurará averiguar se houve, de fato, um processo de securitização articulado pelo presidente russo na explicação para a ofensiva militar fazendo uso de uma linguagem que ressoasse com o seu público alvo, ressaltando a ameaça ocidental que pairava sobre o Estado russo. Para tal empreitada, será feita uma análise de conteúdo do pronunciamento à nação feito por Putin três dias antes da invasão. O pronunciamento, feito originalmente em russo, foi traduzido para o inglês pelo próprio site oficial do Kremlin. Desta maneira, será contabilizada a frequência do uso das palavras que remetem à uma ameaça ocidental ao Estado russo. Posteriormente, buscar-se-á analisar quem são as audiências com as quais Putin buscou e ainda busca interagir. Finalmente, será ponderado se houve um processo de securitização completo no caso selecionado. A despeito das justificativas de Putin para a invasão envolverem mais elementos do que somente a ameaça proveniente do Ocidente que é representada pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), e estas outras justificativas serem aqui citadas em caráter contextual, este artigo não se propõe a fazer uma análise metodológica a respeito delas.

2. As justificativas de Putin para a invasão à Ucrânia

Os motivos listados pelo Presidente Putin para invadir a Ucrânia são diversos, mas o que é amplamente visto como o principal deles é a aproximação de Kiev com o Ocidente. Apesar de este artigo focar na invasão de fevereiro de 2022, na realidade a Rússia já havia invadido a Ucrânia muito antes disso. A anexação da Crimeia em 2014 representou o início do mesmo conflito que continua a se desdobrar nos dias de hoje, e esta anexação se deu justamente em meio à Revolução Ucraniana, também conhecida como Revolução Maidan ou Revolução da Dignidade, um movimento popular pró-ocidente lançado no contexto de uma onda de protestos em escala nacional entre o fim de 2013 e o começo de 2014. Viktor Yanukovych, o então presidente que era favorável a uma maior proximidade da Rússia em detrimento da União Europeia (UE), foi deposto e, pouco tempo depois, a Crimeia foi anexada por Moscou. Em maio do mesmo ano, o presidente pró-ocidente Petro Poroshenko foi eleito.

A partir deste importante acontecimento que foi o catalizador para a eclosão da guerra, Kiev começou a expressar de maneira cada vez mais forte o seu desejo de aproximação ao Ocidente, nomeadamente através da entrada na UE e na OTAN. É bem verdade que já em 2002 uma posição oficial do governo ucraniano favorável à entrada na OTAN havia sido tomada através do então presidente Leonid Kuchma, e desde então outros presidentes já haviam manifestado o mesmo propósito (Pifer 2019). No entanto, foi em 2019 que um passo mais concreto foi dado, quando a Ucrânia aprovou uma emenda à constituição designando a entrada na UE e na OTAN como objetivos estratégicos do país (PRESS 2019). Após ter visto vários dos ex-membros da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e do Pacto de Varsóvia se juntarem à Aliança e à UE desde o fim da Guerra Fria, e ver indícios contínuos nos últimos anos de que a Ucrânia seguiria o mesmo caminho, Moscou traçou uma linha vermelha que dizia que a entrada de Kiev passava dos limites. Em meio ao receio de ver tropas da

OTAN na Ucrânia, Putin exigiu neutralidade do país e alegou que a aproximação representava uma ameaça existencial à segurança nacional russa (KREMLIN 2022).

Outro motivo citado por Putin para a invasão da Ucrânia é a separação dos territórios e povos russos e ucranianos porque, de acordo com o presidente, a Ucrânia foi criada da terra russa e os dois povos são um só, devendo dessa maneira conviver entre si como tal (Putin 2022a). Putin comumente cita conexões históricas entre russos e ucranianos que datam de séculos atrás para justificar a ofensiva militar e a reunião dos dois povos. Desta forma, o alegado maltrato através de repressão identitária sofrido pelos russos e ucranianos que se identificam como russos na Ucrânia, assim como a rejeição da língua russa pelo governo ucraniano, foram temas articulados como ameaças à segurança russa e ao povo russo e apontados pelo presidente em um famoso texto onde ele destrincha sua visão da ligação entre os dois povos. Nele, o presidente alega que russos estão sendo forçados a mudarem suas identidades na Ucrânia e levados a enxergar Moscou como um inimigo, traçando uma previsão de uma gradual redução da população que se identifica como russa (Putin 2021).

Finalmente, Putin também cita a alegada necessidade de se fazer uma desmilitarização e a desnazificação da Ucrânia como justificativa da invasão. A luta contra os nazistas alemães na Segunda Guerra Mundial marcou profundamente a URSS e sua herdeira Rússia, tendo em vista que a vitória veio acompanhada de mais baixas entre os soviéticos do que em qualquer outro país participante da guerra. Sendo assim, é fácil perceber que o nazismo é um tema delicado pelo qual os russos tem aversão. Putin sabe muito bem disso e tentou associar o nazismo à Ucrânia do Presidente Volodymyr Zelensky para angariar apoio doméstico à guerra. Devido a relatos que alguns ucranianos lutaram ao lado dos nazistas na Segunda Guerra, mas principalmente à existência da Brigada de Assalto Azov, mais bem conhecida como Batalhão Azov, Putin rotula o governo de Zelensky como neonazista. O Batalhão Azov é um grupo paramilitar nacionalista criado no contexto da anexação da Crimeia em 2014 e, desde então, vem lutando contra separatistas pró-Rússia na região do Donbas (composta pelos oblasts de Donetsk e Lugansk), e contra o exército russo após a invasão de 2022. Formalmente incorporado à Guarda Nacional da Ucrânia, o grupo tem, de fato, um certo número de combatentes que se identificam com o neonazismo, e o governo russo alega que o grupo, assim como o governo de Zelensky, reprime a população russa na Ucrânia. Além disso, tanto o governo de Zelensky como o batalhão zelam, acima de tudo, pelo nacionalismo ucraniano, algo que Putin condena e tenta destruir. Desta maneira, Putin faz a conexão entre o batalhão e o governo ucraniano e pinta o regime de Kiev como dominado pela ideologia neonazista (Putin 2022b). Ele aponta que o país precisa ser desmilitarizado e desnazificado para a proteção e segurança dos russos que habitam em território ucraniano (TASS 2022).

3. Pronunciamentos de Putin

No dia 21 de fevereiro de 2022, três dias antes da incursão por terra, água e mar em território ucraniano, Putin fez um longo pronunciamento à população russa para justificar as ações do seu governo. Este pronunciamento não foi a primeira vez que Putin alertou para a aproximação militar do Ocidente às fronteiras russas. Entretanto, foi o grande esforço do presidente para convencer a população de que o país não podia

ficar parado diante dos alegadamente claros avanços da OTAN.

Através do uso da análise de conteúdo, espera-se poder ganhar um entendimento mais profundo a respeito da justificativa de Putin da aproximação entre Ucrânia e Ocidente para a invasão russa à Ucrânia. Berelson (1952, 18) define análise de conteúdo como “uma técnica de pesquisa para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”. A análise de conteúdo almeja a precisão e a retirada de vieses durante o processo investigativo com a intenção de reduzir a subjetividade e incorre em quantificações de elementos do caso avaliado (Busha e Harter 1980). No pronunciamento de Putin, foram contabilizadas as palavras que remetem à uma ameaça ocidental ao Estado russo. Dentro desta categoria, as unidades encontradas no texto foram “NATO”, “Alliance”, “West(ern)”, “United States” e “US”, “European Union e EU e America(ns)”, contabilizando um total de 91 menções.

Tabela 1. Menções de Putin à ameaça ocidental

Unidade	Frequência
NATO	40
United States e US	22
West(ern)	17
Alliance	5
European Union e EU	1
America(ns)	6
Total	91

Fonte: Putin (2022a).

A escolha por um único texto para a avaliação sobre o processo de securitização na invasão da Ucrânia se justifica no fato de que, muitas vezes, a seleção de um recorte menor de todo o material disponível torna a pesquisa mais exequível (Messinger 2012). Putin já vem alertando há muito tempo sobre a ameaça Ocidental ao Estado russo. No entanto, justifica-se que este pronunciamento específico é emblemático justamente por ter sido feito três dias antes da invasão, como se o presidente quisesse fazer, uma última vez antes da incursão, um apanhado das suas motivações para a ofensiva militar, dando a ele um grande valor de pesquisa e espaço para inferência.

Krippendorff (2018) argumenta que uma das características definidoras da análise de conteúdo é o engajamento entre uma pessoa e um texto – ou qualquer outra forma de comunicação. Um texto não tem significado se não tem leitor, da mesma forma que uma mensagem é irrelevante se não há intérprete e dados não possuem significado sem um observador. Além disso, o texto produzido por um interlocutor jamais possuirá somente um significado. Estes esclarecimentos quanto ao conceito da análise de conteúdo são relevantes para o processo de securitização visto que Putin almejou comunicar uma mensagem e a direcionou para um determinado público alvo, mas a maneira na qual este público interpretaria sua mensagem é um desfecho que fogia do seu controle.

Krippendorff (2018) também chama atenção para a capacidade dos significados irem além do texto que é produzido. A habilidade de incitar sentimentos, mudanças de

comportamento, apoio à uma determinada causa e condenação de uma certa situação são traços importantes da comunicação, o que, no caso selecionado, remete em última escala ao ato de convencimento aspirado por Putin.

O pronunciamento do dia 21 de fevereiro de 2022 foi a prévia da invasão que viria três dias depois. Entretanto, como visto anteriormente, a guerra entre os dois países teve início em 2014 com a anexação da Crimeia. Da mesma forma, a tentativa de Putin de apresentar o ocidente, particularmente a OTAN, como uma ameaça existencial para a Rússia já era empregada desde então e isto também foi usado como justificativa pelo presidente para a anexação da península. Com o mesmo tom na sua retórica, Putin alegou que havia buscado garantias de segurança do ocidente mas que o mesmo não havia levado Moscou em consideração para suas movimentações. Em 18 de março daquele ano, em discurso no Grande Palácio do Kremlin na esteira da tomada da Crimeia, Putin ressaltou os mesmos motivos que viria a alegar de novo em 2022.

Eles nos enganaram repetidas vezes, tomaram decisões pelas nossas costas, apresentando-nos fatos completos (...). Foi assim com a expansão da OTAN no Leste, com a implantação de infraestruturas militares nas nossas fronteiras. Eles sempre nos diziam a mesma coisa: 'Bem, isso não envolve você' (Putin *apud* Myets e Barry 2014, tradução nossa)¹.

No seu discurso de 24 de fevereiro de 2022 em que formalmente anunciou a operação especial militar à nação, mais um vez Putin apresentou a imagem para a sua população de uma Rússia que havia sido paciente ao longo dos anos, buscando medidas concretas para garantir sua segurança através da diplomacia. Ao apresentar este cenário no qual tentou uma solução mais não a encontrou por meios pacíficos, o presidente almejou ganhar a compreensão da sua audiência de que uma medida mais assertiva precisava ser tomada, em última escala afirmando não ter tido escolha senão agir da maneira que agiu.

É um fato que ao longo dos últimos 30 anos temos tentado pacientemente chegar a um acordo com os principais países da NATO relativamente aos princípios de segurança igual e indivisível na Europa. Em resposta às nossas propostas, enfrentamos invariavelmente enganos e mentiras cínicas ou tentativas de pressão e chantagem, enquanto a aliança do Atlântico Norte continuava a expandir-se apesar dos nossos protestos e preocupações. A sua máquina militar está em movimento e, como disse, aproxima-se da nossa fronteira. (Putin (2022b), tradução nossa)².

Esta última fala de Putin deixa claro que a Rússia jamais esteve livre de preocupações com a expansão da OTAN. Quando a União Soviética foi dissolvida e a Aliança Militar começou a se mover para o Leste Moscou se viu acuada, frágil e sem condições de reagir da maneira que tem reagido agora. Todavia, observa-se que o sentimento de profundo incômodo já existe desde então, e, com a Ucrânia, Putin se viu capaz de reagir.

1. "They cheated us again and again, made decisions behind our back, presenting us with completed facts (...) That's the way it was with the expansion of NATO in the East, with the deployment of military infrastructure at our borders. They always told us the same thing: 'Well, this doesn't involve you'".

2. "It is a fact that over the past 30 years we have been patiently trying to come to an agreement with the leading NATO countries regarding the principles of equal and indivisible security in Europe. In response to our proposals, we invariably faced either cynical deception and lies or attempts at pressure and blackmail, while the North Atlantic alliance continued to expand despite our protests and concerns. Its military machine is moving and, as I said, is approaching our very border".

Eu me dirijo agora à próxima seção para analisar a implicância dos dados levantados no que tange ao processo de securitização da alegada ameaça Ocidental à Rússia.

4. Securitizando a ameaça ocidental

Como argumentado acima, Putin alegou três motivos principais para lançar a invasão contra o território ucraniano, nomeadamente a aproximação entre Ucrânia e Ocidente, a repressão identitária sofrida pelos russos e ucranianos que se identificam como russos no Donbas e a desmilitarização e desnazificação da Ucrânia. Entretanto, percebe-se que Putin dá mais relevância à primeira justificativa, e isto fica evidente no pronunciamento analisado neste artigo. Sob a luz da teoria de securitização, é possível perceber como o presidente construiu bem uma imagem de perigo e medo para a sua audiência doméstica dando grande ênfase à ameaça ocidental.

De acordo com Buzan et al. (1998), o conceito tradicional de segurança sempre foi primordialmente militar e centrado no Estado. Somente aquilo que dizia respeito à assuntos militares e o uso da força, como a defesa de um Estado para garantir sua sobrevivência contra ameaças externas, era considerado no âmbito do estudo da segurança. Entretanto, com o término da tensão militar em nível global que se deu no contexto do fim da Guerra Fria, foi aberto o espaço para que outras demandas de segurança fossem incorporadas aos estudos. Continuando a reconhecer a relevância da lógica segurança-sobrevivência, Buzan et al. (1998) elaboraram uma estrutura do estudo da segurança que passou a englobar temas ambientais, econômicos, sociais e políticos, além do tradicional militar.

Diante de um receio que o alargamento do conceito de segurança pudesse ocasionar imprecisão e viesse em detrimento de uma capacidade robusta de coerência conceitual, a Escola de Copenhagen criou o modelo de securitização (Emmers 2007). O processo de securitização se dá quando um determinado tema passa de politizado para securitizado, isto é, ele sai do campo do sistema político padrão onde regras são seguidas e o equilíbrio entre os poderes é respeitado, para o campo da securitização onde medidas emergenciais que vão além do escopo de procedimentos políticos são implementadas. Este processo de transformação de um determinado tema envolve várias partes, nomeadamente um ator securitizador (*securitizing actor*), uma ameaça existencial (*existential threat*), um objeto de referência (*referent object*), uma audiência (*audience*) e o ato da fala (*speech act*) (Buzan et al. 1998).

O processo de securitização funciona da seguinte maneira: um ator securitizador, comumente mas não exclusivamente uma figura atrelada ao Estado que goza de uma posição de poder, identifica uma determinada pauta, já politizada e tratada pelo governo, que ele julga precisar ser alçada à uma posição de emergência. Os motivos podem variar, mas o importante é que o tema é visto por este ator como pertencente a um patamar mais elevado que não condiz com os trâmites regulares do dia a dia de um governo, ganhando assim um caráter excepcional. Dessa maneira, este ator securitizador, como o nome bem diz, se engajará no processo descrito acima, o de levar o tema do campo politizado para o campo securitizado. Para tanto, ele buscará moldar este tema como uma ameaça existencial a um objeto de referência e fará isso através do uso da linguagem, ou o ato da fala. Ele tentará convencer uma determinada audiência que este tema, de fato, representa uma ameaça à segurança e sobrevivência

do objeto de referência. Este convencimento é extremamente importante para que o ator securitizador obtenha legitimidade para fazer o que deseja fazer, nomeadamente estabelecer medidas excepcionais fora dos procedimentos políticos normais para lidar com a ameaça da maneira que achar mais apropriada (Buzan et al. 1998).

No caso da invasão da Ucrânia analisado neste artigo, é observado que a conduta da situação por Putin seguiu exatamente o roteiro do processo de securitização. O ator securitizador é o próprio presidente, a ameaça existencial mais preponderante é a entrada da Ucrânia na OTAN, os objetos de referência são o povo, território, soberania e sobrevivência russos, a audiência são grupos diversos, como o parlamento, e o ato da fala são todos os pronunciamentos já dados pelo presidente Putin a respeito da questão, incluindo este analisado neste artigo. Através da análise do texto, é possível inferir que Putin se esforçou para estabelecer um estado permanente de medo e alerta na população russa. Dessa maneira, o presidente visou obter a legitimidade necessária para promover a operação militar especial e impor as medidas emergenciais que o seu governo vem praticando.

Ao longo do seu pronunciamento, nota-se que Putin tenta criar um senso de urgência ao mencionar diversos exemplos que comprovariam uma já estabelecida integração entre OTAN e forças ucranianas. Em vários momentos, o mandatário russo faz a alegação de causalidade onde a entrada da Ucrânia na OTAN significaria uma ameaça direta à segurança da Rússia. Putin expõe uma alegada política anti-Rússia promovida pelos Estados Unidos e afirma que Washington sabia dos riscos associados à entrada da Ucrânia na Aliança. O presidente afirma o seu descrédito na retórica da OTAN que a Aliança Militar é defensiva e não representa perigos à Moscou. Ele prossegue ao dizer que promessas feitas pelos Estados Unidos de que a OTAN não expandiria para o leste europeu foram completamente quebradas e que, como consequência, a confiança entre a Rússia e o Ocidente foi comprometida, criando um problema na segurança do continente europeu. O presidente ressalta a constante política de contensão à Rússia promovida pelos Estados Unidos. Destaca também que os sistemas alegadamente usados para defesa posicionados pela OTAN em países ao redor da Rússia estão desenvolvendo capacidades ofensivas. Ele diz que os Estados Unidos e a OTAN veem a Rússia como um inimigo e que a Ucrânia seria usada como uma ponte para um eventual ataque, dando ênfase aos detalhes estratégicos que facilitariam uma ofensiva da Aliança usando o território ucraniano. O presidente expõe também o tempo que levaria para mísseis americanos atingirem Moscou se alocados na Ucrânia e afirma que radares poderiam controlar o espaço aéreo russo. Ele aponta que procurou em diversas vezes estabelecer garantias de segurança com os Estados Unidos e a OTAN que assegurariam a segurança da região, mas que suas propostas foram ignoradas. Ele critica a política de “portas abertas” da OTAN, e termina dizendo que diante de todas essas ameaças, a Rússia tem total direito de responder para garantir sua segurança (Putin 2022a).

Analisa-se que pouco importa se nenhuma, apenas algumas ou todas as alegações de Putin são verdadeiras porque, de acordo com a teoria da securitização, as ameaças à segurança são politicamente e socialmente construídas e não é relevante se elas de fato existem (Buzan 2010). Balzacq et al. (2015) afirmam que a transformação na forma como um governante lida com determinada pauta, nomeadamente a transição

da esfera política para a securitária, não depende, necessariamente, de fatores objetivos e tangíveis.

Para Buzan e Hansen (2009, 214), “segurança tem um força discursiva e política e é um conceito que faz algo – securitizar – ao invés de uma condição objetiva (ou subjetiva)”. Diante disso, observa-se que a importância do ato da fala (*speech act*) para a teoria de securitização o posiciona como o verdadeiro pilar da teoria, no sentido que o ato de fazer política é uma troca entre pessoas, onde há ação e reação. Inicialmente criada com um foco em discursos e retórica, a teoria de securitização ganhou uma perspectiva mais profunda através da qual nota-se o desenvolvimento de uma teoria de co-produção política entre variados atores de estados sociais, tornando, portanto, a securitização um evento que é constituído através de influência recíproca entre o ator securitizador e audiência (Balzacq et al. 2015).

Sob a ótica da teoria de securitização, o que Putin pretendeu fazer com este pronunciamento – e com todas suas outras falas antes e depois dele – foi evidenciar uma crise, fazendo assim com que ele tivesse legitimidade para que pudesse agir fora das normas e política tradicionais levando o assunto para um âmbito diferente, o da segurança, onde toda e qualquer medida governamental deve ser aceita porque é tida como necessária para garantir a sobrevivência do Estado (Bright 2012).

Algumas dessas medidas emergenciais, além de lançar a guerra em si, incluem as duas leis criadas para punir aqueles que disseminassem “informações falsas”, classificação essa que inclui se referir à operação militar especial como “guerra” ou “invasão”. Penas podem chegar até 15 anos de prisão (Simon 2022). Disseminar “informações falsas” sobre as forças armadas, pedir publicamente pela retirada das tropas do território ucraniano ou mostrar apoio às sanções impostas pelo Norte Global também se tornaram passíveis de fortes punições. As duas leis foram votadas com prioridade no parlamento russo e aprovadas por unanimidade. Foi reportado que em 14 dias de guerra, cerca de 150 jornalistas haviam deixado a Rússia temendo serem alvos do governo russo. As leis de “*fake news*” e descrédito foram ampliadas pelo parlamento e passaram a proteger também outros órgãos governamentais, como representações diplomáticas e serviços de emergência. Além disso, a proibição de críticas voltadas para as forças armadas foi ampliada para uma proibição de se criticar toda e qualquer ação exterior do governo russo (HUMAN RIGHTS WATCH 2022).

5. Putin articulou com sucesso uma estratégia de securitização?

Ao passo que alguns protestos contra a invasão russa já ocorreram no país, principalmente em Moscou e São Petersburgo e especialmente no início da ofensiva militar, eles logo foram impedidos pelas forças de segurança e vários de seus participantes foram enquadrados nas leis de censura apontadas anteriormente. Em contrapartida, a tendência que é mais observada na Rússia é de apoio à operação militar especial visto que tal respaldo à ofensiva tem sido mensurado em torno de 70 por cento (Klumbyte 2023).

O medo de vocalizar a oposição à guerra e, conseqüentemente, ao governo russo, pode definitivamente ser considerado como um dos motivos para o alto nível de aprovação popular à invasão da Ucrânia, mas a explicação vai além. É observado que o apoio popular russo se manifesta em atos muito mais concretos do que responder

uma pesquisa. Ações voluntárias de arrecadação de dinheiro para ajudar os esforços de guerra, denúncias às autoridades contra pessoas – incluindo membros da mesma família – opostas à invasão e apoio efusivo às forças armadas nas redes sociais mostram que o medo não é o único motivo para se explicar as altas taxas de aprovação (Hnizdovsky 2023). Até mesmo vários oficiais russos que anteriormente vinham adotando uma estratégia de silêncio perante à guerra vem demonstrando abertamente apoio à operação militar (Komin 2023).

Côté (2016) argumenta que o aspecto social e linguístico que define securitização faz com que o ato de securitizar necessite de consentimento da audiência, seja isso em grau mais reduzido como apenas tolerância ou em grau mais elevado com legitimação e autorização. Diante de toda a repressão do governo russo e do regime autoritário em vigor no país, a Rússia não caracteriza cenário ideal para analisar se a securitização do governo foi ou não efetiva através, somente, do apoio popular. Isto é observado à luz de Côté (2016), que ressalta que a identidade da audiência depende do contexto da securitização assim como da capacidade e autoridade que um determinado grupo tem para legitimar a securitização buscada pelo governo. A população russa, vivendo sob um regime que oprime expressões divergentes das suas sobre a guerra, dessa forma não parece ter a capacidade ou legitimidade para proporcionar ao governo a legitimidade que ele, por sua vez, busca para agir no campo do extraordinário.

Ademais, não é estritamente necessário que exista apenas um grupo funcionando como audiência, podendo haver várias audiências no mesmo processo de securitização (Roe 2008). Ao passo que a população é comumente vista como audiência em processos de securitização ocorridos em Estados democráticos (Roe 2008), observa-se que, em outros casos, outros grupos como setores específicos dentro da burocracia governamental além de elites locais, entre outros, assumem o papel de audiência (Côté 2016). A questão que fica, então, é quem, senão a população, assume esse papel de audiência com a qual o governo russo interagiu para elaborar a construção de uma ameaça iminente. Diante disso, apesar de não descartar completamente o papel de audiência da população, alocando a ela um degrau abaixo como fonte de apoio moral, Roe (2008) argumenta que é mais pertinente analisar se há apoio formal para as ações do governo, como, por exemplo, através de chancela parlamentar. Varga (2004) observa que Putin dá ao parlamento russo exatamente esta função, a de uma entidade que aprova e legitima suas propostas passando-as pelos ritos parlamentares e dando-as caráter oficial. Além do parlamento, outro grupo que pode ser visto como audiência neste processo de securitização é a elite milionária mais bem conhecida como oligarcas russos. Envolvidos em acordos que os enriqueceram em troca de de grande proximidade e cumplicidade com o governo Putin, os oligarcas também despontam como uma importante audiência visto que muitos deles estão extremamente inseridos em funções vitais do governo ao, por exemplo, chefiarem empresas estatais (Rosalsky 2022). Ademais, as forças armadas também aparecem como audiência no processo de securitização visto que elas são, literalmente, a linha de frente nas ambições expansionistas do presidente russo. Para Putin, é absolutamente essencial ter o consentimento principalmente destes grupos para poder manter os seus esforços de guerra.

Buzan et al. (1998) ressaltam que para que uma estratégia de securitização tenha sucesso, basta que a audiência entenda e acredite no ator securitizador e dê a ele a

legitimidade para implementar medidas extraordinárias, não sendo necessário que as medidas sejam de fato introduzidas. Entretanto, Emmers (2004) vai além e afirma que quando há êxito na combinação entre dimensão discursiva (ato da fala e compreensão da audiência) e não-discursiva (implementação das medidas extraordinárias), há então um completo ato de securitização. Portanto, de acordo com o presente estudo, analisa-se que parece ter havido, também, um ato completo de securitização na situação russo-ucraniana uma vez que as audiências listadas têm demonstrado seu forte apoio às intenções de Putin e medidas excepcionais, incluindo a guerra em si, foram introduzidas pelo governo.

6. Conclusão

Este artigo visou analisar se houve um processo de securitização na justificativa dada pelo Presidente Putin para lançar a invasão à Ucrânia em 24 de fevereiro de 2022, fazendo uma análise de conteúdo sobre o pronunciamento do presidente à nação três dias antes da invasão. Utilizando a teoria de securitização, procurou-se mostrar que Putin utilizou a linguagem de maneira efetiva no pronunciamento para alcançar seu objetivo, nomeadamente a instauração de um clima de urgência, medo, risco e ameaça na população russa. Além disso e principalmente, o presidente buscou obter legitimidade vinda das audiências relevantes que podem oferecê-la para que a guerra pudesse ser lançada, nomeadamente grupos como o parlamento, os oligarcas e as forças armadas. Analisa-se que o presidente russo vem contando com o apoio destes grupos e articulando bem a ideia de que se uma ação drástica (medida extraordinária/operação militar especial) não fosse tomada, a segurança e sobrevivência do povo e Estado russos estariam em perigo diante da ameaça da aproximação militar ocidental das fronteiras russas. Diante disto, Putin obteve legitimidade para seguir em frente com seu plano de invasão e impor diversas outras medidas extraordinárias na Rússia com a justificativa que este é um tema de segurança nacional que requer uma abordagem excepcional com prevalência sobre as normas e a política regular de um governo. Essa legitimidade parece existir na medida em que sua relação de controle sobre a agenda do parlamento, sobre os oligarcas que ele ajudou a enriquecer e sobre as forças armadas não vem mostrando sinais de abalos.

Ademais, o presidente também vem contando com o apoio de uma parte significativa da população que aparenta ir além daquele visto em pesquisas que podem muito bem ser corrompidas pelo medo de punições por parte dos entrevistados. Por fim, foi analisado que o caso russo parece representar um exemplo de um completo processo de securitização. O processo aparenta ter logrado êxito na combinação entre dimensão discursiva e não-discursiva uma vez que as principais audiências listadas têm sido complacentes com os esforços de guerra de Putin e medidas excepcionais foram introduzidas pelo governo. Finalmente, visto que este artigo visou se debruçar com maior profundidade somente sobre a justificativa da ameaça ocidental, seria de grande valia para a comunidade acadêmica a execução de estudos que analisassem também as outras duas justificativas apresentadas, mas não detalhadamente estudadas nesta pesquisa.

Recebido em: 21/12/2023.

Aprovado em: 30/04/2024.

Referências

- Balzacq, Thierry et al. 2015. What kind of theory – if any – is securitization? *International Relations* 29 (1).
- Berelson, Bernard. 1952. *Content Analysis in Communication Research*. New York: Free Press.
- Bright, Jason. 2012. Securitization, terror and control: Towards a theory of the breaking point. *Review of International Studies* 38 (4): 861–879.
- Busha, Charles e Stephen Harter. 1980. *Methods in librarianship: techniques and interpretation*. Londres: Academic Press.
- Buzan, Barry et al. 1998. *Security: a new framework for analysis*. Boulder: Lynne Rienner Publishers.
- Buzan, Barry. 2010. *Interview with Foreign Affairs and International Trade Canada*. Disponível em: <https://blogs.lse.ac.uk/internationalrelations/2010/03/23/professor-barry-buzan-discusses-the-concept-of-security/>. Acesso em: 20 dez. 2023.
- Buzan, Barry e Lene Hansen. 2009. *The Evolution of International Security Studies*. 214. In Balzacq, Thierry et al. Cambridge University Press.
- Côté, A. 2016. Agents without agency: Assessing the role of the audience in securitization theory. *Security Dialogue* 47 (6): 541–558.
- Emmers, Ralf. 2004. *Non-Traditional Security in the Asia-Pacific: The Dynamics of Securitisation*. Singapore: Eastern Universities Press.
- . 2007. *Securitization in Contemporary Security Studies*. Editado por C. Allan. Oxford University Press.
- Hnizdovskyi, Serhiy. 2023. *How strong is Russian public support for the invasion of Ukraine?* Disponível em: <https://www.atlanticcouncil.org/blogs/ukrainealert/how-strong-is-russian-public-support-for-the-invasion-of-ukraine/>. Acesso em: 31 jul. 2023.
- HUMAN RIGHTS WATCH. 2022. *Russia Criminalizes Independent War Reporting, Anti-War Protests*. Disponível em: <https://www.hrw.org/news/2022/03/07/russia-criminalizes-independent-war-reporting-anti-war-protests>. Acesso em: 30 jul. 2023.
- Klumbyte, Natalia. 2023. *Russian imperialism shapes public support for the war against Ukraine*. Disponível em: <https://www.atlanticcouncil.org/blogs/ukrainealert/russian-imperialism-shapes-public-support-for-the-war-against-ukraine/>. Acesso em: 20 dez. 2023.
- Komin, Mariya. 2023. *Loud complicity: Why Russian officials are breaking their silence on Ukraine*. Disponível em: <https://ecfr.eu/article/loud-complicity-why-russian-officials-are-breaking-their-silence-on-ukraine/>. Acesso em: 20 dez. 2023.
- KREMLIN. 2022. *Telephone conversation with President of France Emmanuel Macron*. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/news/67880>. Acesso em: 28 jul. 2023.

- Krippendorff, Klaus. 2018. *Content analysis: an introduction to its methodology*. 4th. Los Angeles: SAGE.
- Messinger, Adam. 2012. Teaching Content Analysis through Harry Potter. *Teaching Sociology* 40 (4): 360–367.
- Myets, Steven e Ellen Barry. 2014. Putin Reclaims Crimea for Russia and Bitterly Denounces the West. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2014/03/19/world/europe/ukraine.html>. Acesso em: 23 abr. 2024, *The New York Times*.
- Pifer, Steven. 2019. *NATO's Ukraine challenge: Ukrainians want membership, but obstacles abound*. Disponível em: <https://www.brookings.edu/articles/natos-ukraine-challenge/>. Acesso em: 19 dez. 2023.
- PRESS, ASSOCIATED. 2019. *Ukraine president signs amendment on NATO, EU membership*. Disponível em: <https://apnews.com/general-news-cb742d45ae394798bbc7891d30efaa71>. Acesso em: 19 dez. 2023.
- Putin, Vladimir. 2021. *Article by Vladimir Putin "On the Historical Unity of Russians and Ukrainians"*. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/news/66181>. Acesso em: 28 jul. 2023.
- . 2022a. *Address by the President of the Russian Federation*. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/67828>. Acesso em: 28 jul. 2023.
- . 2022b. *Address by the President of the Russian Federation*. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/news/67843>. Acesso em: 24 abr. 2024.
- Roe, Paul. 2008. Actor, Audience(s) and Emergency Measures: Securitization and the UK's Decision to Invade Iraq. *Security Dialogue* 39 (6): 615–635.
- Rosasky, Greg. 2022. *How Putin Conquered Russia's Oligarchy*. Disponível em: <https://www.npr.org/sections/money/2022/03/29/1088886554/how-putin-conquered-russias-oligarchy>. Acesso em: 24 abr. 2024.
- Simon, Scott. 2022. *Russian law bans journalists from calling Ukraine conflict a 'war' or an 'invasion'*. Disponível em: <https://www.npr.org/2022/03/05/1084729579/russian-law-bans-journalists-from-calling-ukraine-conflict-a-war-or-an-invasion>. Acesso em: 29 jul. 2023.
- TASS. 2022. *Decision taken on denazification, demilitarization of Ukraine — Putin*. Disponível em: <https://tass.com/politics/1409189>. Acesso em: 29 jul. 2023.
- UNITED NATIONS. 2024. *Two-year update. Protection of civilians: impact of hostilities on civilians since 24 February 2022*. Disponível em: <https://ukraine.un.org/en/261245-two-year-update-protection-civilians-impact-hostilities-civilians-24-february-2022#:~:text=The%20UN%20Human%20Rights%20Monitoring,numbers%20are%20likely%20significantly%20higher>. Acesso em: 23 abr. 2024.
- Varga, Miklós. 2004. Putin Running The Duma: A Quest for Stability, Regardless of Democratization. *Romanian Journal of Political Science* 4 (2).